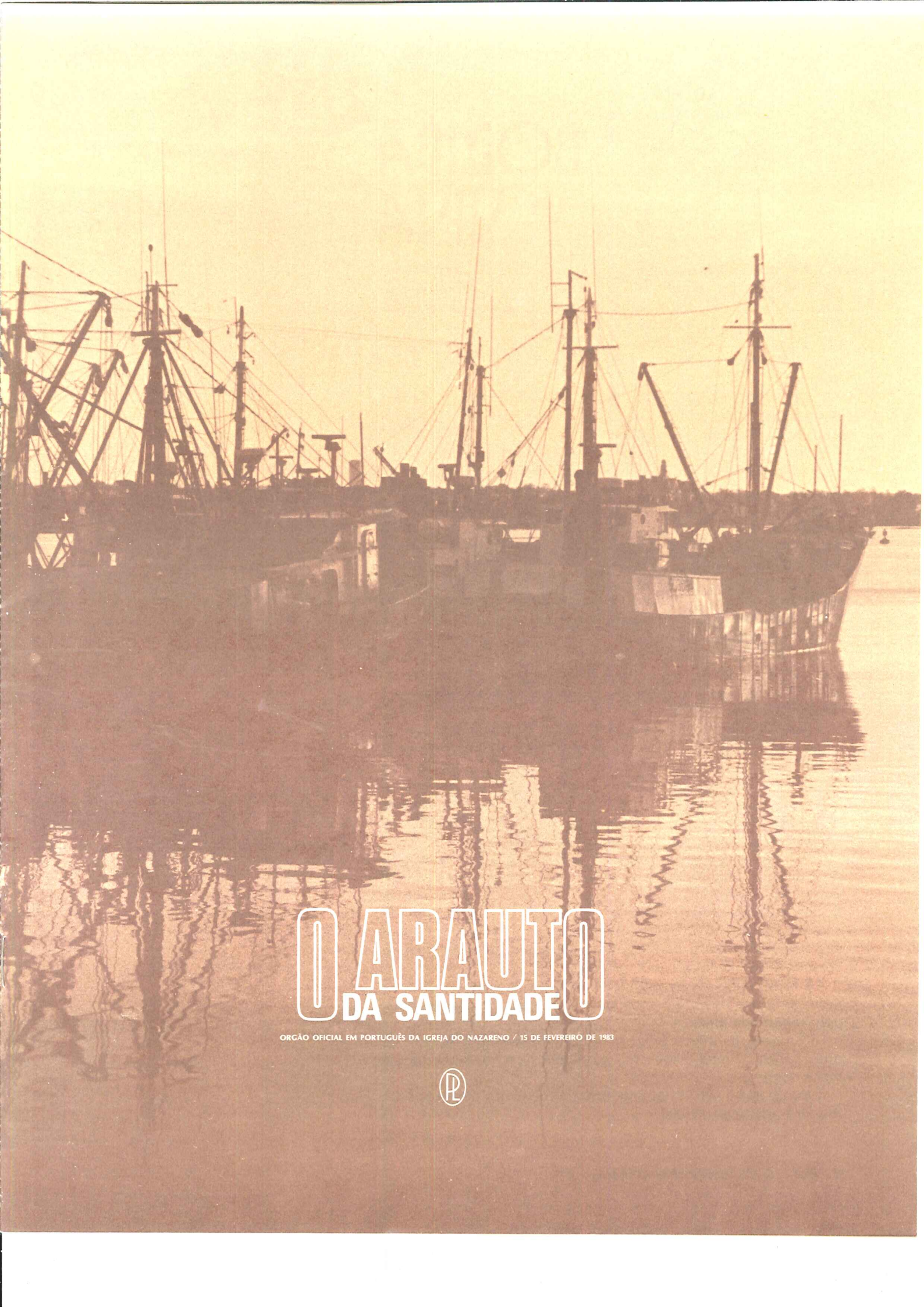
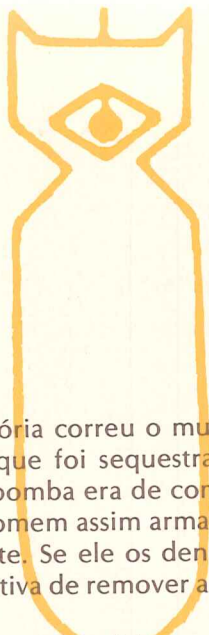




O ARAUTO DA SANTIDADE

ORGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE FEVEREIRO DE 1983





BOMBA VIVA

A história correu o mundo e ainda faz arrepiar. Trata-se do espanhol que foi sequestrado e a quem ligaram explosivos ao corpo. A bomba era de comando à distância. Os criminosos soltaram o homem assim armado e mandaram-no buscar o seu próprio resgate. Se ele os denunciasse à polícia ou se fizesse qualquer tentativa de remover a bomba, morreria numa explosão medonha.

Os jornais apelidaram-no de "O Homem-Bomba". A força destruidora estava colada à sua própria pele. A vítima e sua família passaram por horas de agonia.

Este episódio cruel traz-nos à consciência o facto que os nossos piores inimigos não são pessoas ou coisas que nos rodeiam, mas instintos germinados do coração. É o que a Bíblia diz: "Do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura" (Marcos 7:21 e 22).

Esta lista contém mais explosivos que a bomba atada ao corpo do espanhol. O que estranha é que não alarme tanto como a pólvora dos terroristas. Será que nos habituamos de tal modo à desgraça espiritual que a toleramos já sem grande sobressalto?

Eu não diria tanto. Organizações da polícia estão sempre atentas a ocorrências e a práticas como várias acima mencionadas. Há detectives à paisana que se dedicam à descoberta e à denúncia de tais crimes.

Mas a Bíblia aponta a razão do nosso bem aparente fracasso no combate ao mal: atacamos os resultados, mas ignoramos as causas; impressionamo-nos com o bizarro ou o funesto das consequências, mas raras vezes pomos o dedo na fonte donde brotaram. Acusam-se todos e tudo. Diz-se que o crime foi fomentado pela economia, pelas tensões sociais, pelo clima, pelo álcool, pelo excesso de velocidade, pela má iluminação, etc.

A Bíblia vai direito à fonte. Diz que é o coração: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida" (Provérbios 4:23). Em Ezequiel 18:31, Deus dá esta solução radical: "Criai em vós um coração novo e um espírito novo". Em essência, é uma ordem que nos manda regressar às mãos de Deus para sermos espiritualmente recreados à Sua imagem.

É importante ver as ruas policiadas, mas é crucial policiar a fonte de todos os males: o coração pervertido ou contaminado pelo veneno do pecado.

Felizmente, há uma esperança radiosa. Deus promete, em Ezequiel 11:19: "Tirarei o seu coração de pedra, e lhe darei um coração de carne".

Da pessoa assim restaurada brotará um canto de verdadeiro louvor e adoração a Deus. □

—Jorge de Barros

CORRENTES ANIMADORAS

—Charles H. Strickland
Superintendente Geral



C. Antunes

Dois conceitos importantes começam a convergir na igreja. Não são novos, mas têm sido um tanto negligenciados. O renovado interesse nestes princípios surgiu dos estudos recentes sobre o crescimento efectivo da igreja e o reavivamento da santidade que experimentamos como resultado da nossa celebração da santidade cristã. A confluência destas duas correntes de doutrina poderia formar um caudaloso Amazonas que arrastasse a igreja a um dos seus períodos mais progressivos.

Uma corrente é o avivamento da participação dos leigos no ministério total da igreja. Existe uma consciência vigilante entre os nossos crentes dedicados respeitante a áreas onde podem sentir-se realizados e ser efectivos na edificação do reino de Deus. Se interpretada e executada adequadamente, esta consciencialização oferece um grande potencial no crescimento e desenvolvimento da igreja. O conceito da nossa igreja de leigo e clero, e o papel que cada um desempenha ao completar-se mutuamente, possibilita enormes recursos de envolvimento nos diferentes ministérios e oferece grandes oportunidades.

A outra corrente é uma renovação de interesse pessoal, surgida da nossa ênfase à pregação da santidade. Muitas pessoas estão a experimentar a purificação do coração como fruto desta ênfase. Daí o bom espírito de testemunhar da graça de Deus, o que é natural nesta experiência dinâmica.

Logo após o Pentecostes, os discípulos saíram do cenáculo para comunicar a todo o mundo a sua experiência gloriosa. Quando ameaçados pelo sinédrio judaico, Pedro e João declararam: "Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido" (Actos 4:20).

O efeito do testemunho pessoal numa experiência redentora é imenso. Fortalece e complementa o ministério do púlpito e dá credibilidade à mensagem da igreja. É o resultado natural da presença graciosa do espírito Santo.

Devemos prover as igrejas locais de canais que estimulem a confluência das duas correntes. Aproveitemos o grande reservatório de fortaleza e talentos fornecido pelos leigos. Orientemos e estimulemos o grande potencial proveniente do poder do testemunho pessoal. O impacto será extraordinário; e o ministério do púlpito da nossa igreja, apoiado por esse potencial, pode produzir um reavivamento na nossa época. □

A MINHA IGREJA

—Libânia S. Pinto

Ainda que eu trabalhasse horas extraordinárias e ganhasse muito dinheiro;

Ainda que fosse às lojas e comprasse tudo quanto desejasse possuir;

E ainda que tivesse todo o conforto em casa e houvesse nela abundância de pão, e não tivesse a minha igreja, nada disso me aproveitaria.

Ainda que flores enfeitassem o jardim da minha casa e tivesse muitos amigos com quem compartilhasse momentos de folguedo, horas alegres, e não tivesse a minha igreja, nada seria.

A minha igreja me revigora—ela nunca me deixa desalentada.

Ela me oferece oportunidade para empregar e desenvolver os meus talentos.

Ela não é um lugar estranho para mim—sinto-me em casa.

Nela encontro paz, conforto e amor.

Ela é como um jardim florido no meio do deserto da vida.

Nela encontro um grupo de irmãos que através dos anos me têm ajudado na caminhada cristã.

Ela me alenta quando fracasso e diz-me: "Levanta-te".

A minha igreja tem-se alegrado com as minhas vitórias.

Agora, pois, permanecem todas as bênçãos que tenho recebido—trabalho, amigos, igreja—mas, a maior destas é a MINHA IGREJA. □

A PRESENÇA DE DEUS

—W. E. McCumber

Durante os cultos de adoração há sempre um momento santo em que se me invade a certeza de que o Senhor está presente.

Por vezes esse momento vem no princípio do culto enquanto se cantam os hinos ou se ora. Repentinamente reconheço a presença de Deus entre o Seu povo.

Noutras ocasiões, o momento chega mais tarde—no decorrer do culto—quando se lêem as Sagradas Escrituras ou se apresenta a mensagem. Também tem surgido enquanto se faz o convite ao altar ou na oração final.

O ideal seria que esse momento santo precedesse o culto e a presença divina fosse intensificada no prosseguimento do programa. Mas, na realidade, nem sempre assim acontece.

A respeito deste assunto, salientemos dois pontos importantes.

Primeiro, devo fazer distinção clara entre a presença de Deus e a impressão desta verdade na minha mente e coração. Deus não começa a estar presente no momento em que eu tenho consciência disso. Já estava antes, mas eu não sentia a Sua presença. Em teoria, sei que Ele está presente em toda a parte. No entanto, só

experimento a realidade quando chega o meu "momento".

O segundo factor é que esse momento ajuda-me a tirar proveito máximo do culto. Pelos dons de memória e de reflexão, posso distinguir tudo o que ocorreu antes, à luz desse momento especial da presença divina. Assim recebo os mesmos valores e benefícios que teria obtido se esse momento santo tivesse precedido o culto

de adoração.

A consciência da presença de Deus não é algo inventado ou elaborado por mim. É, antes, uma impressão que recebo do Senhor, a quem adoro.

Vou à igreja para adorar a Deus. Tudo o que me afastar desse propósito é um estorvo. Tudo o que me ajudar é uma bênção. A minha alma precisa de adorar a Deus e Ele nunca decepciona os necessitados. O momento da presença de Deus pode tardar, mas chega. □

ADORAÇÃO

—B. David Liles

Muitos cristãos e igrejas dão prioridade nos seus programas à evangelização, mas descuidam a adoração.

Para a maioria dos crentes, programas e rotinas minam e enfraquecem a comunhão com Deus, originando a tragédia de falta de poder para testificar. Fomos comissionados pelo Senhor para evangelizar, testificar e apresentar Cristo ao mundo. Mas qual será a nossa fonte de energia, de fortaleza, para cumprir essa comissão?

Depois de alguém se converter a Cristo, que mais lhe oferece a vida cristã? Libertação total do pecado e de condenação eterna; alegria e liberdade centradas em Cristo. Estas são verdades bíblicas e bênçãos do céu. Mas há mais. A vida cristã também oferece o privilégio de adorar a Deus, o Ser onipotente, que nos ama e Se entregou por nós.

Que é a adoração? Quais os seus propósitos e natureza? Como supre as necessidades do ser humano? A adoração pode definir-se como o acto do homem fraco prestando honra, louvor e gratidão ao Deus infinito.

É um acto no sentido de efectuar certas actividades: cantar, chorar, ler a Bíblia, ofertar.

A adoração é um estado *emotivo* que inculca em nós indignidade e, ao mesmo tempo, nos leva a ter reverência, alegria, tristeza, culpa e felicidade. Também é um estado *mental*, pois o nosso pensamento entra em acção durante os hinos, a leitura da Bíblia e a pregação.

A adoração *dirige-se ao Ser Supremo*, perfeito, bondoso, santo, nosso Pai celestial. Inclui submissão total à vontade divina; uma entrega completa a Deus, sem reservas nem perguntas.

Tanto a adoração *individual* como a *colectiva* são vitais à existência espiritual. A individual é uma resposta particular a Deus, uma conversa íntima. Nela, o Senhor mostra a nossa fraqueza e indignidade e nós Lhe tributamos honra, glória, gratidão e devoção.

Na adoração experimentamos comunhão com Deus, sentimos a Sua presença e recebemos nova sensibilidade para mais nos aproximarmos d'Ele.

Ao considerar as vantagens e desvantagens da adoração particular ou pública entram em acção os conceitos de *objectividade* e *subjectividade*. Sob o aspecto objectivo, a adoração é dirigida unicamente a Deus. Honramo-LO e glorificamo-LO por que é Deus. O hino *Santo, Santo, Santo* descreve o Senhor como o objecto central dos nossos afectos. Do lado subjectivo, sobressai a nossa necessidade como seres fracos e finitos que somos.

Na adoração colectiva, a igreja honra o Pai, como se ela fosse uma família composta de irmãos e irmãs em Cristo. O Salmista disse: "Engrandecei ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o seu nome" (Salmo 34:3). Na adoração cantamos, oramos, lemos a Bíblia e ajudamos uns aos outros. Desse tempo de comunhão com Deus e com os irmãos nos advêm fortaleza, companheirismo e sentimento de unidade. Somos desafiados a contar a outros do nosso Salvador, para que também eles entrem no seio da família de Deus.

É na presença do Senhor que muitas das nossas necessidades são supridas. Deus significa tudo para nós. Ele nos compreende quando confusos, e nos acompanha na solidão; dá rumo à nossa vida. Para o cansado e abatido pelo pecado, Ele é perdão, amor e misericórdia.

Na adoração damos-nos a Deus por completo e Ele nos utiliza como Lhe apraz. "Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração (emoções), e de toda a tua alma (o espiritual), e de todo o teu entendimento (o intelectual), e de todas as tuas forças (o físico)" (Marcos 12:30). □

DEUS PODE...

foto por A. Cliburn

Ao ser escalado para a Índia, um oficial inglês teve de se afastar do lar durante muito tempo.

Porém, ao despedir-se da mãe, esta meteu-lhe na mão um punhado de folhetos evangélicos para que os distribuisse quando chegasse ao destino.

Depois de vários anos de serviço na Índia, o militar estava pronto a regressar à pátria. Na véspera da partida, descobriu no fundo duma mala os folhetos que se tinha esquecido de distribuir. Ao recordar a promessa que fizera à mãe, saiu apressado e começou a espalhá-los pelas ruas e pela praia. Voltou a casa convencido que tinha cumprido à letra, embora não segundo o espírito, a promessa de distribuir os folhetos evangélicos.

Passaram-se anos e esse jovem oficial foi arrastado a uma vida depravada e de vícios. Para mais se entregar ao jogo, embarcou novamente seguindo um caminho de pecado e de des-

truição. Nessa viagem encontrou um militar cristão com quem travou amizade. Este contou-lhe como se convertera a Cristo.

Ele tinha ido há anos para a Índia como soldado. Um dia, completamente desesperado, decidiu suicidar-se. Pegou num revólver e encaminhou-se para a praia com a intenção de pôr termo à vida.

Quando caminhava desolado sobre a areia, avistou um papel que o vento lhe atirara aos pés. Abaixou-se e começou a ler. Esse folheto foi o meio usado por Deus para o salvar da morte.

Profundamente interessado na conversa, o oficial inglês escutou com atenção e depois perguntou ao companheiro quando isso tinha acontecido. A data coincidiu exactamente com a "distribuição" dos folhetos que ele fizera.

Então o oficial inglês contou ao soldado cristão o que tinha acontecido. Um de tantos folhetos evangélicos que ele lançara ao vento naquela praia chegara aos pés do soldado que se encontrava em grande necessidade.

Do relato do incidente e da conversa entre os dois homens resultou a conversão do oficial que distribuira os folhetos. Ali mesmo, ele aceitou Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Deus pode... Ele usa meios estranhos para chegar a um coração necessitado. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XII
Número 4
15 de Fevereiro de 1983

BENNETT DUDNEY,
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

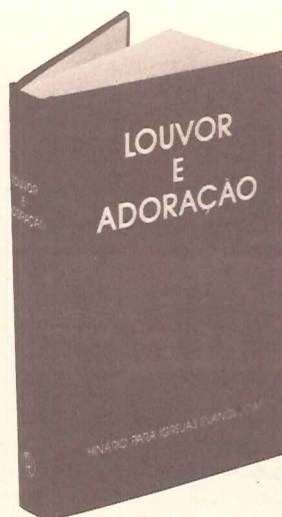
O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

CAPA—R. Balla



O CANTO NA IGREJA

—Carlos Perea



Pouco se tem escrito sobre o canto que usaram os cristãos na Igreja Primitiva. Segundo a tradição, os Salmos foram os mais usados pelos discípulos de Jesus.

Há quem procure insinuar que os cantos da igreja eram melodias pagãs adaptadas ao Cristianismo. Mesmo sem possuímos referências explícitas, sabemos que os Apóstolos eram extremamente zelosos quanto aos ensinamentos do Mestre.

No ano 379 foi proibido pelo sínodo de Antioquia o louvor da salmodia. Também foi nele determinado que só os homens cantassem. Em 481, o concílio de Laodicéia impôs mais restrições e limitou aos clérigos o canto na igreja.

Depois da conversão do imperador Constantino começou a desenvolver-se uma arte de louvor genuinamente cristã. O canto da Europa ocidental dispensou as diferenças das formas longas e breves usadas na língua litúrgica da igreja de Roma. Também deu origem nas igrejas orientais ao canto antifonal.

Santo Ambrósio estabeleceu em Milão o mesmo estilo e, até ao século XII, a liturgia grega foi seguida por Constantinopla, Jerusalém, Antioquia e Alexandria. Daí em diante foram introduzidas algumas modificações.

A multiplicidade dos enfeites melódicos resultou das mudanças de cada país. De acordo com a idiossincrasia têm surgido várias inovações que dão alegria ao canto e revelam a sua procedência.

Todavia, cuidemos em não cair nos extremos. Lembremo-nos que somos acima de tudo um povo de santidade. O canto da igreja tem ultimamente degenerado tanto que, em alguns lugares, desconhecem-se por completo os hinos tradicionais de júbilo espiritual. No entanto, eles foram usados poderosamente pelo Espírito Santo para derreter o gelo de corações duros e dominados pelo pecado.

Recordemos, como exemplos, estes hinos gloriosos: "Fonte Sem Igual", "Rocha Eterna", Salvação Há", "Castelo Forte", "No Sangue de Jesus", "Graça Imensa".

Os estribilhos e corinhos têm o seu lugar no regozijo espiritual, mas nunca poderão substituir os hinos de louvor.

A nossa denominação tem-se distinguido pela seriedade e compostura nos cultos de adoração. Não falta quem nos critique de caremos de liberdade. Essas pessoas confundem "emoção" com liberdade.

Não generalizemos sobre os hinos da nossa preferência, pois em cada congregação tomam a sua variante especial.

Preservemos com zelo a doutrina da santidade que nos distingue no seio do Cristianismo. Não façamos eco às particularidades e estilos que outras igrejas possam usar. Temos o nosso HINÁRIO. □

QUEM

Talvez nenhuma doutrina do Novo Testamento tenha sido tão mal interpretada como a do Espírito Santo. Têm-se atribuído actos à Terceira Pessoa da Trindade divina pelos quais não é responsável.

Quem é, pois, o Espírito Santo?

Primeiramente, o Espírito Santo é uma Pessoa. O Manual da Igreja do Nazareno diz: "Cremos no Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade" (Artigos de Fé, III). O Pai, o Filho e o Espírito Santo formam a unidade da Trindade. Mas é uma Pessoa distinta com Suas características, direitos e funções.

É uma Pessoa porque tem auto-identidade. Existe independente de qualquer outra pessoa. Em grego, o termo ego é o primeiro pronome pessoal e significa eu. Os psicólogos dizem que é o centro da personalidade, a essência da pessoa. O eu pode ser corrompido pelo egoísmo. No entanto, toda a pessoa tem o seu ego, incluindo o cristão santificado.

Nas Escrituras poucas vezes o Espírito Santo se refere a Si mesmo. Todavia, há uma ocasião em que Ele fala na primeira pessoa. Quando o apóstolo Pedro pensava na visão sobre os gentios, o Espírito Santo lhe disse: "Eis que três varões te buscam. Levantate, pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os envie" (Actos 10:19-20). É evidente que só uma pessoa pode falar desta forma.

O Espírito Santo é uma Pessoa

É O ESPÍRITO SANTO?

—Merril S. Williams

porque tem autodeterminação. Jesus disse do Espírito Santo: "O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz; não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (João 3:8). O vento é impessoal, mas o Espírito Santo é uma Pessoa que orienta, escolhe e tem vontade própria. Paulo foi impedido pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia (Actos 16:6).

Outra característica da personalidade do Espírito Santo é a inteligência. Depois do concílio de Jerusalém, os apóstolos e anciãos enviaram uma carta aos recém-convertidos com esta decisão: "Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias" (Actos 15:28). Os dirigentes da Igreja atribuíram ao Espírito Santo o crédito de inteligência.

O Espírito Santo não é apenas uma força, um poder, uma influência, como alguns pretendem insinuar.

O Espírito Santo é uma Pessoa como Jesus. Antes da ascensão, Jesus assegurou aos discípulos: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro consolador, o Espírito de verdade, e estará em vós" (João 14:16-17).

Ele é como Jesus porque faz as mesmas coisas. Falou da Sua relação com os discípulos (João 14:20). O Espírito Santo também estaria com eles (João 14:17) e ensinaria os cristãos da mesma forma

que Jesus (João 13:13; 14:26). O Mestre intercedeu a nosso favor (I João 2:1); o mesmo faria o Espírito Santo (Romanos 8:26).

Jesus descreveu o Espírito Santo como outro Consolador: "Ele vos dará outro Consolador" (João 14:16). No grego do Novo Testamento são usadas duas palavras para traduzir o termo *outro*. (1) *Heteros* que se refere a algo diferente da outra coisa. Paulo empregou esta palavra para distinguir entre a lei do pecado e a da sua mente: "Vejo nos meus membros outra lei" (Romanos 7:23). (2) *Allos* que significa outro, mas da mesma classe. W. T. Purkiser lembra que, quando desejamos saber como é Deus, olhamos para Jesus (João 14:9). Também podemos fixar Jesus para saber como é o Espírito Santo. Ele é outra Pessoa.

O Espírito Santo é a Pessoa que ministra aos cristãos quando necessitam de ajuda.

A palavra grega *Paracleto* foi traduzida por Wyclif como *Confortador*. Ela deriva de dois termos latinos: *con* e *fortis* (poder). Mas realmente significa aquele que conforta ou consola. Todavia, consolar não constitui o Seu principal ou único ministério.

Paracleto significa, literalmente: uma pessoa chamada ao lado de outra para ajudar. Talvez o conceito mais adequado seja Ajudador.

A palavra não tem tradução literal em português. No tempo de Jesus o termo era usado para convidar uma pessoa a ajudar "ao la-

do de" outra. Este conceito explicita-nos os diferentes ministérios do Espírito Santo. Por exemplo, em tribunal um paracleto era aquele que testificava em defesa do acusado. Era um intercessor, advogado, conselheiro.

O Espírito Santo defende aqueles que praticam a justiça. O apóstolo João chamou a Satanás "o acusador dos nossos irmãos" (Apocalipse 12:10). O diabo procura desanimar, confundir e derrotar. Mas temos um Advogado, Alguém que nos defende do maligno. O Espírito Santo ajuda-nos a não cair nas ciladas do acusador.

Também um paracleto era aquele que testificava num julgamento a favor de alguém. O Espírito Santo testifica da realidade da Palavra de Deus. O nosso Pai "é o Deus de toda a consolação" (II Coríntios 1:3); e o Espírito Santo é o Consolador das nossas almas.

Quando Jesus disse aos discípulos que os ia deixar em breve, o temor, a desilusão e a tristeza se apoderaram deles. Que fariam? Como viveriam sem Ele? Quem substituiria o Mestre? Outro ajudador, o Espírito Santo. Jesus prometeu enviá-lo.

A Sua promessa cumpriu-se historicamente no Pentecostes, quando Pedro se dirigiu à multidão convicta e disse: "A promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (Actos 2:39). A promessa permanece em vigor. É para nós. É para você. □

obra missionária doméstica e mundial

—L. Guy Nees

Escrevo este artigo pouco antes de partir para Filipinas e Nova Guiné.

Antes, tive a oportunidade de visitar Portugal, Costa Rica, México, Haiti e República Dominicana. Também presidi a vários cultos e convenções missionárias em igrejas e distritos dos E.U.A. Estas viagens fazem parte da minha responsabilidade—uma responsabilidade desafiante da nova tarefa de serviço e ministério.

Desejo compartilhar convosco algumas impressões.

Em primeiro lugar os êxitos que se estão a alcançar nos nossos campos missionários. Não me posso referir a todos, mas eis alguns.

A igreja em Portugal continua a crescer. Desde há anos que o país se converteu em centro de refugiados, muitos deles nazarenos de Moçambique, Cabo Verde e outros locais. A Igreja do Nazareno prossegue sob a supervisão de missionários nazarenos que ajudam os emigrantes a radicar-se num novo país, oferecendo-lhes uma igreja e a oportunidade de ganhar outros para Cristo.

O Seminário Nazareno das Américas, cujo reitor é o Rev. Jerry Porter, provê preparação ministerial para jovens de ambos os sexos da América Central, do Sul e das Caraíbas. Durante a minha estada, tive o privilégio de pregar num culto de capela em que se reuniram todos os professores e alunos.

O crescimento da igreja no Haiti continua em ritmo acelerado. Os missionários dedicam-se a um ministério evangelístico, compassivo e educacional. Grande parte do progresso da obra se deve às visitas de grupos de "Trabalho e Testemunho" (inclusive um da Alemanha) que têm ultimamente actuado na ilha.

Talvez o campo missionário de maior e mais rápido desenvolvimento nos últimos cinco anos seja a República Dominicana. O distrito começou em 1975 com a designação de "pioneiro". Hoje conta com mais de 50 igrejas e 1.407 membros. Os nossos líderes nazarenos trabalham com fidelidade no estabelecimento de igrejas, no ensino, na construção de edifícios—resultado dum avivamento genuíno e crescimento sólido.

O México prossegue com sete distrito e planos para a abertura do novo seminário. Todas as suas actividades são apoiadas por uma igreja com mentalidade missionária.

Ao viajar nos Estados Unidos de igreja para igreja e de distrito para distrito fiquei bem impressionado com o interesse e dedicação devotados à causa missionária. As ofertas continuam a crescer, as reuniões missionárias de zona ou regionais também têm prosperado e a igreja está a corresponder à sua responsabilidade de cumprir a Grande Comissão.

O Dr. Billy Graham disse recentemente: "A década dos anos oitenta é, para muitos, a década da sobrevivência. Mas creio que deve ser antes, a década do avivamento".

Que assim seja em toda a parte, em cada país à volta do mundo. □

O Dr. W. T. Purkiser tinha na sua secretária uma frase que dizia: "Louva ao Senhor de qualquer forma". Isso levou-me a reflectir—especialmente nas palavras "de qualquer forma". Sugere-se que, por vezes, muitos de nós negligenciamos louvar a Deus por Sua bondade e misericórdia. Também transporta os meus pensamentos de louvor e exaltação para uma afirmação de fé.

Palavras de louvor — como "Amém" e "Glória a Deus"—podem ser ditas no culto mais por hábito que por movimento do coração. São usadas para exprimir adoração ao Altíssimo. Em certas circunstâncias, as exclamações de louvor desapareceram da igreja por não se ajustarem a determinado estilo de adoração.

O louvor genuíno é um recurso dinâmico. Devemo-lo exclusivamente a Deus. Ele merece o nosso louvor e respeito, porque somos Sua criação—produto distinto da Sua obra. Para remediar a queda do homem, Deus actuou na história através de Jesus Cristo, para salvar a humanidade pecadora. A Sua salvação inclui o perdão de pecados e a purificação da nossa natureza rebelde.

Foto por J. B.

Quando os discípulos começaram a louvar a Deus pelas obras maravilhosas que tinham presenciado e os fariseus reclamaram que o Mestre os silenciase, Jesus disse: "Se estes se calarem, as próprias pedras clamarão" (Lucas 19:40).

O louvor a Deus deve repercutir tanto no testemunho pessoal como nas palavras e cantos de adoração. A experiência da vida revela que a adoração é vã se o louvor carece de fé. Mas quantos só louvamos a Deus quando Ele supre abundantemente as nossas necessidades e anseios? Devemos louvá-LO mesmo quando os nossos pedidos não são satisfeitos. Deus deseja mais que aclamação verbal. Quer uma resposta interior de fé perante incertezas presentes ou futuras. Vinculado à fé, o louvor torna-se uma força poderosa.

Jericó, cidade de fortes muralhas, parecia a Josué e aos israelitas uma barreira intransponível. A cidade estava protegida por um muro duplo. Na conquista da Terra Prometida os israelitas depararam com uma fortaleza inexpugnável.

A Sagrada Escritura diz que foi algo mais que a obediência do povo em marchar à volta dos muros de Jericó, mais que o som das

trombetas ou os gritos que derrubaram os muros. Realmente a marcha, o som das trombetas e os clamores produziram um barulho ensurdecedor. Mas o escritor aos hebreus explicita: "Pela fé, caíram os muros de Jericó, sendo rodeados durante sete dias" (Hebreus 11:30).

Os métodos usados neste evento do Antigo Testamento fazem-nos lembrar o poder do pensamento positivo salientado por Norman V. Peale, ou o valor da possibilidade do pensamento, de Robert Schuller. No entanto, o poder do louvor ultrapassa o propósito da vontade ou das operações da mente. O louvor entra no dom divino da fé que "move montanhas", derruba muros e se submete a Deus em qualquer eventualidade. Essa fé não se desvia por obstáculos ou impossibilidades aparentes. Antes, encontra Deus no momento da necessidade e louva-O—de todas as formas—no meio da prova.

O nosso louvor a Deus deve sempre incluir fé n'Ele. Qualquer tentativa de separar um do outro traz frustração. Embora se pos-

sam exprimir separados, carecem de sentido e de certeza. Mas juntos—louvor e fé—desenvolvem uma relação tal com Deus, nosso Pai, que abrange todos os aspectos da vida.

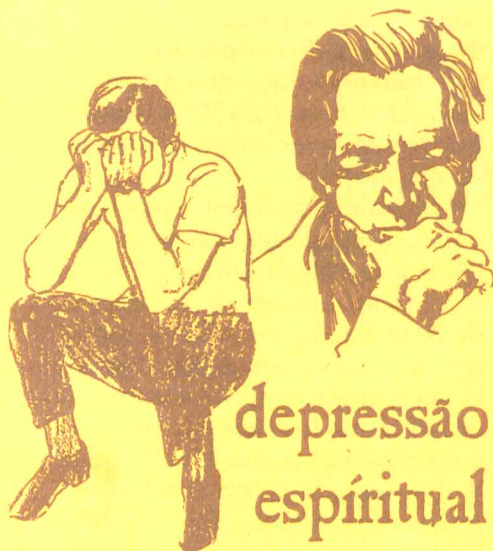
Esta combinação vitoriosa não só se originou nas experiências dos patriarcas do Antigo Testamento, mas mana da redenção de Jesus Cristo. Ao sofrer e morrer na cruz, Jesus declarou por fé quando Se sentiu desamparado: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lucas 23:46). A vida gloriosa de Cristo e o louvor ao Pai foram vividos com a máxima fé, mesmo perante o olhar frio da morte.

Ao remir a humanidade do pecado e da morte, Jesus tornou-se o verdadeiro laço de reconciliação. O louvar "de qualquer forma" antecipa a ressurreição e o reavivamento, apesar das forças destruidoras do mal. Gera uma fé viva que transforma a nossa relação com Deus, dando poder às palavras. Une-nos com o Pai e restaura os laços de família outrora desfeitos. Concede aos filhos adotivos de Deus o Seu poder e presença, agora e para sempre. □



o poder do louvor

—Ivan A. Beals



depressão espiritual

—J. Castellón

As pessoas que sofrem de depressão espiritual são, na maioria, as que relegam a sua responsabilidade cristã.

Um sintoma básico da depressão espiritual é assinalado pelo afastamento da igreja. Ao afastar-se, o cristão vai perdendo pouco a pouco a comunhão com os irmãos e com Deus. Começa a enfraquecer e a desleixar-se, quase sem dar por isso.

Quando a alma chega a esse ponto, o homem passa a sentir-se mal e em desarmonia com tudo que o cerca: com o cerimonial dos cultos, o horário, a contribuição financeira, a atitude dos irmãos na fé e, até, com a sua própria condição moral.

Além do afastamento da igreja, também têm grande influência na depressão as várias interpretações da Bíblia. Quem se sente culpado nem sempre busca a interpretação mais lógica e verdadeira. Prefere, antes, a mais conveniente.

Quem sofre de depressão espi-

ritual descobre facilmente nas Sagradas Escrituras a imagem da sua própria condição. Então arranja pretextos para esquecer os ensinamentos bíblicos ou interpretá-los a seu modo. Para muitos o recurso mais conveniente é o de evitar a leitura da Bíblia.

A mais poderosa e convincente de todas as razões é a falta de fé. Quando a dúvida se introduz, mina as mais profundas convicções religiosas. Aflige-nos com a pergunta: "Estás certo que já foram perdoados todos os teus pecados?" Esta situação conduz a pessoa à instabilidade espiritual. Torna-a receosa ao ter de enfrentar os problemas da comunidade cristã. Por vezes ela chega até a mostrar-se irascível com os membros da própria família.

A lógica desta atitude leva-nos a concluir que não houve transformação radical no seu encontro com Cristo. Embora o crente tenha o propósito de fazer o bem—dentro do contexto da vida cristã—não o pratica por falta de fortaleza e capacidade. É que ainda existe no seu coração o pecado inato, como disse o apóstolo Paulo: "Não faço o bem que quero, mas, o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim" (Romanos 7:19-20).

Se você sofre de depressão espiritual, tenha em conta as causas que a provocam. Procure a segunda obra da graça, a inteira santificação (II Coríntios 7:1). Ela alicerça e dá raízes profundas à fé. Deus, através do Seu Espírito Santo, está pronto a conceder-lha.

□

Foto por José Pacheco



*"deixai
os
meninos
vir
a mim"*

—Margaret Brandon

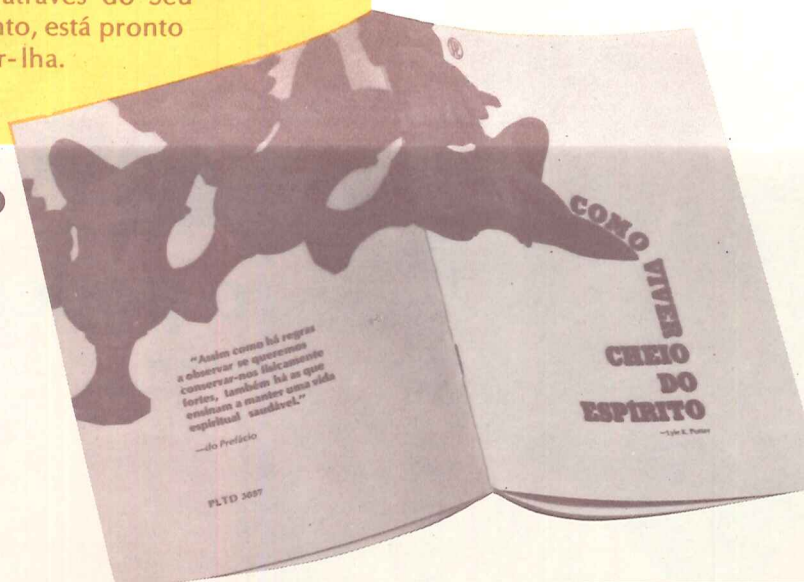
COMO VIVER CHEIO DO ESPÍRITO

Um guia prático
para uma vida espiritual sadia.

Preço U. S. \$1.00

Faça hoje a sua encomenda à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.

12 (60) 15 de Fevereiro de 1983





No momento em que alguém se torna pai ou mãe, crescem automaticamente as suas responsabilidades. Desde o início da vida, a criança recebe mais influência dos pais que de qualquer outra pessoa com quem se possa relacionar.

A não ser que o menino assista regularmente a uma Escola Dominical com professores competentes, a sua instrução para o futuro recebe-a quase exclusivamente do lar e da influência paterna.

Aos cinco anos de idade já tem estabelecidas a personalidade e a

individualidade. O que a criança aprende nos primeiros anos da vida constituirá a base da sua felicidade ou desgraça no futuro.

Em igualdade de circunstâncias, tanto o pai como a mãe têm a obrigação de cuidar e de ensinar os filhos. Mas quase sempre a mãe toma a iniciativa nas situações que ocorrem diariamente. É certo que na maior parte dos casos o pai exerce a função de provedor do lar, mas isso não justificará falta de interesse nas atividades da família.

Durante a idade de um a cinco anos, a personalidade e a mente

da criança desenvolvem-se mais aceleradamente. É o tempo em que ela aprende muitas coisas e se entusiasma até com os seus fracassos. Infelizmente, o seu entusiasmo em saber e experimentar tudo ultrapassa o limite da paciência de alguns pais. O que pode parecer ninharia para os pais é algo muito importante para o menino.

Vem mencionada na Bíblia uma bela lição. Narra que Jesus Cristo tocou as crianças em diversas ocasiões. Mas uma vez fê-lo de modo especial. Quando ensinava os discípulos e as multidões por meio de parábolas foi interrompido por alguns pais que Lhe pediam que abençoasse seus filhos.

Quase ofendidos com a insignificância do pedido, os discípulos de Jesus começaram a afastá-los para não interromperem o Mestre.

Mas o Senhor do universo, a quem os ventos e os mares obedecem, fez uma das declarações mais significativas: "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus" (Mateus 19:14).

O tempo passa veloz e nós dispomos de poucas oportunidades, relativamente, para ministrar aos nossos filhos o ensino que eles precisam e anseiam ter. Façamo-lo agora mesmo. Depois será tarde. Nós, pais, assemelhemo-nos mais a Cristo—tendo mais paciência com os meninos e despendendo mais tempo com eles. Ajudem-nos no desenvolvimento de sua personalidade e individualidade. Não existe ser mais amoroso que uma criança—nem mais importante para o futuro do mundo de cada um de nós. □

 Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____



BELIZE

Belize fica na costa ocidental da América Central. Tem fronteiras ao norte, com o México; ao leste e sul, com Guatemala; e, ao ocidente, com o Mar das Caraíbas. Tornou-se um país independente em 1964. Mas só em Junho de 1973 adoptou o nome de Belize. Antes era conhecido por Honduras Britânicas.

A capital é Belmopan. Foi construída em 1971, no interior, a cerca de 80 quilómetros da cidade de Belize, antiga capital. A cidade de Belize tem 40.000 habitantes e é a porta de entrada para os visitantes. Outras cidades importantes: Dangriga, Punta Gorda, San Ignacio, Corozal e Orange walk.

O clima é subtropical. A temperatura anual média é de 27

graus centígrados. É moderada, o que se deve ao vento fresco que sopra do Mar das Caraíbas. A humidade chega a 83 por cento e a chuva vai de 1,25 m., ao norte, até 4,50 m., ao sul.

Belize tem uma superfície de 23 quilómetros quadrados e uma população de 140.000 habitantes. A língua é o inglês, embora muita gente da fronteira prefira falar espanhol. O dialecto *caribe* é falado em Dangriga, Punta Gorda, Maya Mopan, Maya Kekchi e no interior do distrito de Toledo.

No país predominam as igrejas Católica Romana, Anglicana e Metodista. Entre as outras denominações—Batistas, Adventistas do Sétimo Dia e grupos pentecostais—a Igreja do Nazareno é

a maior.

A Igreja do Nazareno entrou em Belize em 1928, quando alguns nazarenos de Peten, Guatemala, cruzaram a floresta e evangelizaram ao longo da fronteira. Ficaram animados com a aceitação do evangelho por parte das pessoas de língua espanhola. O superintendente de distrito de Guatemala, Ingram, e sua esposa, foram pregar a Belize. Houve animadora colheita de muitas almas. A princípio de 1933, Camila V. de Perez, nazarena guatemalteca, mudou para Succothz (Belize) e, apesar da oposição, começou aí uma Igreja do Nazareno.

Mais tarde, ainda nesse ano, Leona Gardner, com 70 anos de idade, que servira como mis-

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.

TESTEMUNHAS

sionária em Cuba e Guatemala, viajou de mula através do mato até Benque Viejo, Belize. Arrendou uma pequena casa e começou nesse local uma Igreja do Nazareno. No princípio, o novo trabalho fazia parte do Distrito de Guatemala. Em 1936, Augie Holland uniu-se à missionária Gardner e principiaram uma obra de assistência médica. Outros seguiram o seu caminho e estabeleceram igrejas, escolas primárias e clínicas.

Em 1946, o trabalho cresceu tão rapidamente que Belize se tornou distrito independente com o Rev. Harold Hampton como superintendente. Continuou a desenvolver-se e em 1966 um nazareno de Belize, Alvin Young, foi nomeado assistente do superintendente. Em 1969, o Rev. Young foi eleito superintendente distrital e a orientação do distrito passou para as mãos dos naturais de Belize. O Rev. Young serviu até 1977. Nessa data regressou ao pastorado e cedeu o lugar de líder a um homem mais novo. Foi eleito, para o substituir, o Rev. Onésimo Pot.

Belize tem o alvo de este ano ser um distrito regular. O pessoal missionário tem diminuído à medida que os naturais assumem responsabilidade em todas as áreas. O casal missionário Tom Pound dedicou-se à evangelização dos índios do sul. O Rev. e Sra. Garnett Teakell, as enfermeiras e demais pessoal que trabalhavam na clínica Holland Memorial de Benque Viejo saíram quando foi inaugurado um novo hospital do governo. Em 1980 a nossa clínica fechou. As escolas passaram a ser dirigidas por nacionais. Os últimos missionários partiram para outros campos em 1980. A igreja de Belize assumiu responsabilidade total. Na estatística de 1979-80 são mencionados 1.011 membros e 1.579 alunos da Escola Dominical. □

✓ **Na minha opinião, os "milagres" da Bíblia não são mais críveis que alguns incidentes "forçados" de outras religiões, mesmo antigas. Por que, então, somos mais inclinados a crer neles?**

A Bíblia declara que ela é revelação divina, dando testemunho de Jesus Cristo, através do qual Deus proveu salvação do pecado.

A autenticidade dos milagres da Bíblia e a obra redentora de Cristo podem ser defendidas comparando os seus escritos com os dessas religiões. No entanto, a Palavra de Deus é autenticada por si própria. O Espírito Santo atesta a sua veracidade e convence os nossos corações. Por outro lado, se não cremos, devido à tendência natural de corações pecaminosos, estamos a seguir na direcção da incredulidade e da rebeldia.

✓ **Será salvo quem rejeitar o sinal da besta, confessar os seus pecados a Deus e aceitar o martírio após o arrebatamento? Tenho ouvido ministros do evangelho dizer que sim, mas a maioria do nosso grupo de estudo bíblico declara o contrário. Ajude-me, por favor.**

Uma vez que eu não aceito a doutrina de um arrebatamento pré-tribulação da igreja, você achará insuficiente a minha resposta.

Julgo que alguém que se arrependa dos pecados e creia em Jesus Cristo, será salvo sempre e quando houver genuíno arrependimento e fé. A possibilidade de se arrepender e crer existirá enquanto o Espírito Santo convencer do pecado e guiar a Cristo através da pregação do evangelho. A promessa subsistirá até "ao dia do Senhor": "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Actos 2:17-21).

✓ **Certa testemunha de Jeová citou Levítico 17:11-14 para apoiar a sua recusa de transfusão de sangue. Faça o favor de me explicar.**

Penso que a lei de que fala a passagem bíblica era: (1) *Higiênica*, almejava proteger e prolongar a vida humana, pois o sangue de animais transmite doenças e tem digestão difícil; (2) *simbólica*, destinada a ilustrar o valor do sacrifício redentor, especialmente o de Jesus Cristo, cujo sangue foi derramado por nossos pecados.

Em nenhum dos casos está implicada a transfusão de sangue. Esta tem salvo inúmeras vidas. E nada tem a ver com o sangue de animais, a lei moisaica, ou o simbolismo teológico.

Eu respeito o direito daqueles que discordam da minha opinião quanto a transfusões de sangue. No entanto, é trágico que eles impeçam outros que não podem fazer as suas próprias decisões e cuja recuperação de doenças ou acidentes é cancelada por essas recusas.

✓ **Será correcto dizer que na justificação conhecemos Cristo como Salvador; e, na santificação, como Senhor?**

Creio que não. Jesus Cristo é Senhor e Salvador de todos aqueles que são justificados pela fé n'Ele. Conhecemo-LO mais completamente como Senhor e Salvador quando Lhe dedicamos a nossa vida remida e confiamos que Ele nos purifica de todo o pecado interior e exterior. E mais ainda, quando crescemos na graça e no conhecimento de Jesus como Senhor e Salvador. □

ATENÇÃO

Músicos, Obreiros, Dirigentes do Canto!
Uma edição especial do hinário

556 páginas. As folhas podem ser removidas. O livro mantém-se perfeitamente aberto na música escolhida

Capa elegante e forte, preta, com letras douradas

Cinco argolas metálicas e sólido fecho de pressão

Ideal para organistas, pianistas e outros músicos da igreja ou do lar.

Edição limitada. Faça hoje o seu pedido à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Preço: U.S.\$18.50

